

# O tempo e as coisas

Miguel Leitão



## **1. A SENSIBILIDADE E OS AFETOS**

E a tingir o que vejo, de tons de nostalgia,  
esta saudade pungente,  
profunda,  
que a minha alma sente.

## SONHAR ACORDADO

Cinzento  
o nevoeiro envolve o que passa  
e se reflete no molhado do chão

E arrefece o corpo cansado  
e inerte  
a que apetece dormir  
e sonhar  
na ausência de ti  
a tua presença  
aquecida e pequena  
aninhada nos braços meus

É um torpe sossego  
de cor  
que embriaga ao de leve  
e narcotiza aos pouquinhos  
os olhos cerrados  
negando-se a ver dois palmos além

Não enxergam lá fora  
olhando para dentro  
só veem alegres  
a tua presença sonora  
e cantante  
que fala  
e que chora  
e sorri para mim  
e entoa baixinho o amor sempre nosso

De manso te escondes  
matreira e risonha nos meus pensamentos  
e ocultas-me os lábios que tremem  
sedentos  
de se unir aos meus

Os meus  
mais trementes nervosos  
febris  
procuram os teus que tentam fugir  
sem força e vencidos  
rendidos  
a um desejo de amor  
à força de um beijo  
à fúria de um abraço que quer durar sempre

## SAUDADE QUE A MINHA ALMA SENTE

Do lugar que tu bem sabes  
vejo a paisagem que certo dia  
me ensinaste:

São telhados e telhados  
a perder de vista  
com chaminés, claraboias, antenas,  
postes e fios,  
um entrelaçado de fios  
a esquartejar o céu azul  
que nem chumbo a separar  
os pedaços  
coloridos  
de um vitral.

Só elevada perícia na visão  
e no voo  
permite às gaivotas driblar  
e desenhar  
seus brancos traços  
de espiral,  
sem ficarem cativas,  
de asas suspensas  
nos ardilosos fios de metal.

Para lá dos telhados,  
o Douro,  
a querer aconchegá-los  
em jeitos de cachecol.

Mais além do rio,  
na margem de lá,  
o casario,  
a cidade ao espelho,  
o Porto a mirar-se  
em águas douradas e mansas.

Para cá dos telhados,  
estou eu,  
aqui.

Eu,  
na vertigem da paisagem  
dos telhados e telhados  
a perder de vista.

Eu,  
sem ti,  
mas não só.  
Comigo,  
este vazio.

E a tingir o que vejo, de tons de nostalgia,  
esta saudade pungente,  
profunda,  
que a minha alma sente.

## COMO O LIMO

Meu Amigo Varino,  
que me escapas pelos dedos  
quando te pretendo agarrar.

Como o peixe, como a enguia, como o limo  
tens jeitos de te escapulir,  
de te soltar  
dos meus braços,  
de escorregar  
do meu peito  
quando te quero cingir.

Meu Amigo Varino:  
és como a água corrente,  
que a cantar  
desde a nascente  
se oferece à nossa boca.

A que agora me convida  
e em que mergulho a taça  
é já outra,  
é já diferente!

Tinham os Gregos por certo  
que não bebemos duas vezes  
da mesma água de um rio.  
A que há pouco se me ofereceu,  
aqui perto,  
já não é a desta taça.

Já lá vai,  
mas muito à frente,  
a sorrir e a saltitar,  
à procura de outras taças  
para saciar novas sedes  
e refrescar  
nova gente.

Assim contigo,  
meu Varino Amigo.

Já bebi a minha dose.  
A sede volta a apertar  
e a taça está vazia!

Com que água irei enchê-la?

## COMO A ROCHA

Meu velho Amigo Serrano  
feito de granizo e de vento,  
e de sol doirado e quente  
dos dias bons:

Nunca te dei um abraço,  
gesto que não tem a ver  
contigo,  
com tua aparência  
teu porte,  
e tua forma de ser.

És rude,  
és rijo e és forte,  
esculpido em pedra dura  
e firme,  
como a amizade tem de ser.

E a tua é.

Meu Amigo Serrano:  
O teu braço é força de aço,  
pode sempre,  
pode mais  
e tu podes mais ainda  
que o teu braço.

Com ele eu posso contar  
e contigo.

E sob esse aspecto tão rude  
há a arca do teu peito  
onde guardas os segredos  
e os teus filhos  
e os amigos  
e todos aqueles de quem gostas.

E lá no meio de tudo,  
desassossegado,  
descomposto  
e com ritmo descompassado,  
escondes um coração  
de mel,  
ou de manteiga,  
podre de tanta afeição.

Meu Amigo:  
Perdoa que te chame rude.  
Olha,  
vou deixar-te este segredo:

Estar contigo  
tem grude  
e as horas passam depressa.

## SOLIDÃO

A verdadeira solidão,  
aquela que dói e estilhaça o peito,  
não é estarmos sozinhos,  
mas termos consciência de que os outros,  
todos os outros,  
não gostam de estar connosco.

É uma gangrena  
cujo ponto nevrálgico consiste na rejeição  
por parte de quem mais amamos.

## UM CRAVO VINDO DO CÉU

para o meu neto Francisco

Um cravo desceu do céu,  
abriu asas como um anjo  
e veio poifar em minha alma,  
ressequida!

E refrescou-a  
como se fosse orvalho,  
deu-lhe vigor,  
deu-lhe vida  
e fez renascer o amor.

Aquele fiozinho de voz  
tão suave e adocicada  
soltá-se, às vezes,  
e desata a chamar por mim.

Então,  
o meu coração renova,  
reverdece,  
fica um jardim  
no seu mais vivo esplendor!

## ATRAÇÃO

Noite escura,  
noite negra.

Natureza adormecida,  
arrulhada pelos mochos  
— fúnebre piar.

A borboleta  
inquieta  
tem horror à solidão.

Foge da noite preta  
e vem.

Vem a saltitar,  
transbordante de esperança,  
de ilusão,  
fascinada pela luz  
que a atrai,  
a seduz,  
para depois a queimar!

Ai!  
Quem me dera  
fugir...  
... poder fugir  
da minha noite,  
da minha escuridão.

Ai!  
Quem me dera  
voar...  
... poder voar,  
ter asas  
para queimar  
de encontro à chama de um coração!



## TRAVESSIA DA BELEZA

O poetar como sonho do possível foi a primeira expressão de quem não se contentou com o primarismo do que aí está.

E o Miguel, no seu pendor reflexivo e pedagogia do saber, lê o mundo, as cidades, o advento do mistério, a luminosidade do reencontro amoroso com a dignidade e o rigor de quem, aceitando o imediato, o configura em narrativa, o torna humanizado pelo sabor do verbo, o transluz com a força da linguagem, fazendo-o existir para cada um, existindo, de antemão, para a sua inteligibilidade e sentimento.

Sabia-o poeta como construtor que sempre o conheci de conceitos, de objetivos, de sentidos abertos da Vida, do Mundo, da Humanidade. O filósofo é o maior convivente. Também o maior inconformista diante da barbárie e da desumanidade.

Fazer a travessia da beleza, só com condutores seguros, como o Miguel, sem desvios nem traições à verdade!

Os Parabéns do

**Januário Torgal M. Ferreira**